



**Ivan Vale de Sousa
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento
nas Letras, Linguísticas e Artes**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
DOI 10.22533/at.ed.2891902041	
CAPÍTULO 2	9
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
DOI 10.22533/at.ed.2891902042	
CAPÍTULO 3	18
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2891902043	
CAPÍTULO 4	34
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2891902044	
CAPÍTULO 5	47
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.2891902045	
CAPÍTULO 6	54
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902046	
CAPÍTULO 7	66
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2891902047	
CAPÍTULO 8	76
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902048	

CAPÍTULO 9	89
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2891902049	
CAPÍTULO 10	101
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020410	
CAPÍTULO 11	110
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020411	
CAPÍTULO 12	124
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
DOI 10.22533/at.ed.28919020412	
CAPÍTULO 13	136
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
DOI 10.22533/at.ed.28919020413	
CAPÍTULO 14	145
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020414	
CAPÍTULO 15	154
POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28919020415	
CAPÍTULO 16	165
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.28919020416	

CAPÍTULO 17	174
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.28919020417	
CAPÍTULO 18	185
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.28919020418	
CAPÍTULO 19	192
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.28919020419	
CAPÍTULO 20	210
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28919020420	
CAPÍTULO 21	218
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
DOI 10.22533/at.ed.28919020421	
CAPÍTULO 22	230
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020422	
CAPÍTULO 23	244
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
DOI 10.22533/at.ed.28919020423	
CAPÍTULO 24	257
AS IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020424	

CAPÍTULO 25	267
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle	
Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.28919020425	
CAPÍTULO 26	280
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020426	
CAPÍTULO 27	291
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola	
Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020427	
CAPÍTULO 28	305
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020428	
CAPÍTULO 29	315
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira	
Maíra da Silva Gomes	
Maica Frielink Immich	
DOI 10.22533/at.ed.28919020429	
CAPÍTULO 30	324
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda	
Vicente Martínez Barrios	
DOI 10.22533/at.ed.28919020430	
SOBRE O ORGANIZADOR	335

CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS

Halyne Czmola

formada em Produção de Áudio e Vídeo pelo Instituto Federal do Paraná e graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná. Membro participante do projeto institucional “Gêneros textuais e o ensino para surdos”. Aluno do Programa Voluntariado Acadêmico – PVA, UFPR (2018). hczmola@gmail.com

Kelly Priscilla Cezar Lóddo

Pós-doutora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutora pelo Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR), campus de Curitiba. Líder do projeto institucional “Gêneros textuais e o ensino para surdos”.

RESUMO: Busca-se discorrer sobre a linguagem cinematográfica e as línguas de sinais promovendo um paralelo entre a cultura surda e o gênero cinema enquanto artefato cultural. Optamos por uma pesquisa de cunho bibliográfico a fim de estabelecermos um diálogo entre a trajetória surda e suas inter-relações com o cinema. Retomamos ao cinema mudo e suas ligações com a comunidade surda no que tange o auxílio na resistência surda frente a uma sociedade que adotou o audísmo como parâmetro. Observamos que o cinema surdo, enquanto produções de empoderamento

e de possibilidades pedagógicas, apresentam produções culturais repletas de intencionalidades. Compreendemos que os filmes além de entreterem também educam possibilitando diversas análises. Concluímos que utilizar filmes com essa temática e articular no contexto escolar, se transforma em um recurso educacional multidisciplinar. Tais resultados permitem promover um novo olhar como uma ferramenta para o contexto escolar bilíngue para surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Língua de Sinais; Cinema Surdo; Estudos Culturais; Linguagem Cinematográfica; Artefatos Culturais.

DEAF CINEMA AS CULTURAL ARTIFACT: CINEMATOGRAPHIC LANGUAGE AND SIGN LANGUAGE

ABSTRACT: This paper aims to investigate cinematographic language and sign languages, drawing a parallel between Deaf culture and the genre cinema as a cultural artifact. We thus conducted bibliographic research in order to set a dialogue between the Deaf trajectory and how it relates to cinema. Initially, we go back to silent films and its connections with the Deaf community as an aid to Deaf resistance against an audist society. We proceed to the current discussion on cinema studies about the

presence of sound, the value of the speech, and the theorization on vococentrism. We then observe that Deaf cinema, as a potentially pedagogical and empowering production, presents cultural productions filled with intentionality. Our understanding is that movies entertain but also educate the audience by opening diverse readings (multidisciplinary contexts), enabling subjective perspectives and worldview, embedding power relations and ideologies, and acting a mean to self-affirmation and conversion of cultural centrality. We conclude that the use of movies with such themes if articulated with school context (especially under the bilingual perspective), is a multidisciplinary educational tool. Such findings allow the observation of social, cultural, historic and linguistic factors involved in the cinematographic language, which paralleled with the visual traits of sign language promote a new approach to bilingual education for the Deaf, its structure and resources.

KEYWORDS: Sign Language; Deaf Cinema; Cultural Studies

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva-se a apresentar parte dos resultados de um projeto de pesquisa institucional mais amplo intitulado “Gêneros textuais e o ensino para surdos”, do qual o foco de investigação é o gênero cinema, em especial, cinema mudo liderado por Halyne Czmola no Programa Voluntariado Acadêmico (PVA-2018/2019), desenvolvido na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A motivação pelo presente estudo nasceu na disciplina Comunicação em Língua Brasileira de Sinais: Fundamentos da Educação Bilíngue para Surdos. A presente disciplina é obrigatória nos cursos de licenciatura pelo Decreto de N° 5.626, que visa à sensibilização e a qualidade do ensino da língua brasileira de sinais, no ensino superior. Torna-se importante destacar que o licenciado esteja à par de sua cultura e dos aspectos que a compõe, artefatos culturais.

O domínio da língua de sinais, no caso, Libras – característica da cultura surda -, da metodologia coerente, da exposição de conteúdos, contribuem para a melhoria da qualidade da educação de surdos, que apesar de se encontrar em pleno século XXI, está em seus passos iniciais, ao tempo em que busca a redução do prejuízo deixado por determinado período obscuro da história, onde surdos não tiveram suas opiniões ouvidas, muito menos respeitadas (MELEGARI, 2018, p. 20).

A escolha pelo gênero cinema se justifica pelos alunos surdos passarem a ter contato com narrativas reais ou fictícias, apresentadas na linguagem audiovisual, auxiliando na aprendizagem de forma multidisciplinar, além de irem ao encontro das características e particularidades estruturais das línguas sinalizadas. É válido notar que o surdo tem o direito a produções cinematográficas acessíveis, o que pode ser alcançado por meio das legendas descritivas, legendas *closed caption*¹, legenda visual e o próprio Cinema Surdo quando faz uso da língua de sinais como língua principal.

Neste momento, o objetivo deste estudo é relacionar a linguagem cinematográfica e

¹ Closed Caption, também chamado de legenda oculta ou legenda fechada, pode ser encontrada de dois modos, roll-up ou pop-on.

a língua de sinais promovendo um paralelo entre a cultura surda e o gênero cinema enquanto artefato cultural podendo se transformar em uma ferramenta educacional multidisciplinar. Os referenciais teóricos que subsidiaram essa proposta foram: Bubniak (2016), Thoma (2002), Giroux (2011) e Silveira (2011).

TRAJETÓRIAS SURDAS E O CINEMA

O *Barrel Organ* é um instrumento popularmente chamado no Brasil de realejo, remota ao século XVI e XVII, sendo antepassado do harmônio². Teve sua popularidade no final do século XVIII e início do século XIX, sendo Eugene deKleist um dos pioneiros em sua produção nos anos de 1890. Tem origem medieval e toca músicas pré-definidas, algumas de suas principais características é: ser portátil, munido de palhetas livres, vários foles, um teclado, e que girando sua manivela, a música soa. Esta manivela ao ser posta em movimento, faz com que um cano gire lentamente e seus pinos e grampos levantem as frentes das chaves (alavancas), deste modo, uma extremidade da chave pressiona a haste ativando a válvula de ar do fole.

Agora que já sondamos alguns elementos básicos do instrumento musical realejo, podemos partir de um conhecimento base que nos possibilitará um diálogo inicial. O que o realejo teria de ligação com nosso assunto principal, o Cinema Surdo? Bom, não se pode debater o Cinema Surdo, sem falar da própria trajetória do sujeito e da comunidade surda. Trajetória que não foi e não é fácil, bem como a grande maioria das trajetórias das populações minoritárias.

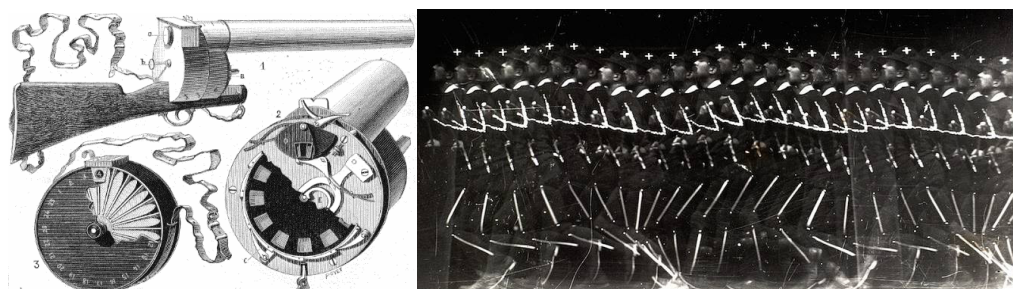
Por muitos anos as pessoas surdas foram pré-julgadas e subjugadas, caçadas, segregadas e verdadeiramente excluídas. Principalmente, pela visão da surdez enquanto deficiência, enquanto falta e vazio. Diversas formas de violência e barbárie foram direcionadas a esses sujeitos, que tiveram suas identidades renegadas e só não completamente apagadas, se não fosse pela transgressão e processos de perpetuação cultural. Afinal, “onde existe a imposição de poder existe também resistência” (BUBNIAK, F. e SANTOS, S, 2017, s.p.).

A visão da pessoa surda na perspectiva da falta, seja ela a falta de língua, audição, fala, inteligência, sociabilidade e outros, fez com que os sujeitos surdos fossem desumanizados, sendo tratados como fragmentos de ser. Fragmentos que poderiam ser consertados, arrumados, moldados e reajustados. Isso poderia ser feito através de procedimentos e tratamentos médico-terapêuticos, com o uso de choques elétricos, sanguessugas, martelos e substâncias corrosivas. Todos esses argumentos eram justificados pela necessidade de curar e normalizar esses sujeitos desumanizados.

Ao retornarmos ao debate do realejo, Demeny era um jovem assistente do fisiologista francês Étienne-Jules Marey, que durante o final do século XIX, se dedicou a fazer experimentos sobre o movimento e a sua visualidade. Ele desenvolveu um

² Harmônio, é um instrumento musical de teclas, parecido com o sistema de funcionamento de um órgão, mas sem a presença dos tubos.

método através do que chamamos de cronofotografia³, que possibilitava a captura dos movimentos da fala. Marey também foi importante para pesquisas e experimentos cinematográficos, inventando uma arma de cronofotografia, que era capaz de capturar 12 frames consecutivos.



Retirado de http://cinemathequefrancaise.com/Chapter1-1/Figure_01_16_Marey.html e <https://www.lomography.com/magazine/332464-the-chronophotography-of-etienne-jules-marey>

Ao se possibilitar a captura de diversos movimentos ou ações, incluindo a fala. O diretor do Instituto de Surdos de Paris, León Vaisse, propôs uma parceria com Étienne-Jules Marey e seu assistente Demeny, para que desenvolvessem vários experimentos buscando a captura dos movimentos da fala (BUBNIAK, 2016). E é nesse momento, que o realejo entra em nosso foco de reflexão. Na época do experimento, Demeny disse que: “If I slowed the rotation, the child slowed the speech; if I stopped, he stopped [...] In a word, I played the *deaf-mute* like one plays a *Barrel-organ*” (MIRZOEFF apud BUBNIAK, 2016, p.38).

Já compreendendo o que é e qual a dinâmica de funcionamento do instrumento musical, pode-se entender o que Demeny quis dizer ao falar que *tocava* um sujeito surdo como se tocava um realejo. Esta fala exemplifica qual era o discurso que a sociedade ouvinte elaborava sobre um sujeito surdo, ressaltando que até os dias de hoje é difícil desvincular a imagem do surdo desta visão pejorativa. Acreditava-se na necessidade já ressaltada aqui anteriormente, de que o surdo deveria ser consertado, melhorado, a fim de suprir as suas faltas. E nada melhor do que a imposição da oralização, “[...] para se tornar útil a sociedade, o corpo do sujeito surdo deve agir como a norma (ouvinte) e falar (oralizar), as línguas de sinais devem ser proibidas, principalmente nos espaços educacionais” (BUBNIAK e SANTOS, 2017, p. 21). Esta normalização seria alcançada através das técnicas de oralização audistas que permitiam que as experiências com os movimentos da fala fossem aplicadas em surdos, assim como alguém que toca um realejo

Com isso, o método desenvolvido por Demeny e Marey foi usado para a oralização dos surdos, porque se tinha a crença de que “[...] a cópia dos movimentos labiais seria suficiente para que um surdo aprendesse a falar” (BUBNIAK, 2016, p.37-38). Nada como girar uma manivela e esperar que soluções bárbaras resolvam o grande

3. Cronofotografia, técnica fotográfica antiga que captura o movimento em vários frames. Podendo ser organizadas subsequentemente ou colocadas em camadas.

problema da *deficiência* surda, já que os surdos eram proibidos de sinalizar, tendo desde as mãos a marradas até surradas.

Os fatos aqui apresentados não tornam os experimentos e os estudos dos dois negativos. Como dito anteriormente, essas explorações de Marey contribuíram para diversas áreas incluindo o cinema. E as invenções de Demeny também se espalharam como uma versão melhorada do fonoscópio e competiram com o cinetoscópio de Edison. Dizem que a invenção conhecida como *photophone*, mudou a teoria da fala e contribuiu para tecnologias de comunicação mais eficientes (BRAIN, 1998, p. 268-269).

A imposição da oralização e a visão de surdez enquanto deficiência eram pensamentos da época, as invenções acabaram sendo utilizadas como tecnologias para alcançar esses fins com maior facilidade. A oralização dos surdos não era o objetivo de Marey e Demeny, mas foram usados em prol dessa finalidade, principalmente pela parceria com León Vaisse.

Os sujeitos surdos batalharam muito para ter sua identidade reafirmada, e ainda lutam pelo fortalecimento de sua presença e empoderamento. No ano de 1999, os surdos da América Latina se reuniram em um Congresso de Educação Bilíngue, o que foi considerado um marco para a comunidade surda, neste congresso foi criado o documento *A educação que nós surdo queremos*. Em 2002, foi conquistada a oficialização da língua de sinais como meio legal de expressão e comunicação, por meio da Lei 10.436. Esses avanços só foram possíveis devido aos Estudos Surdos, que tiveram visibilidade por meio dos Estudos Culturais, que serão debatidos adiante com maior profundidade.

Deixando nossa reflexão acerca do realejo e do “*tocar pessoas surdo-mudas*”⁴ borbulhando em nossos pensamentos, vamos nos direcionar a relações mais estreitas entre cinema e a trajetória surda. Um pouco disso já se fez presente ao discutir as invenções que contribuíram para o cinema e que acabaram sendo usadas para os processos de oralização, sendo um primeiro apontamento de ligação entre as duas trajetórias, principalmente pela questão da visualidade, espacialidade e movimento.

Nos anos de 1910 a 1921, a Associação Nacional de Surdos dos Estados Unidos financiou a produção de filmes que registrassem a Língua de Sinais, isso contribuiu diretamente para a perpetuação da língua, servindo como registro e como forma de resistência, levando em consideração que nesse período era proibido a sinalização.

Eram captados poemas, histórias, palestras, memórias e demais manifestações. Refletindo sobre esse processo, pode-se apontar o cinema enquanto artefato cultural para a comunidade surda, uma vez que contribuía para a perpetuação da Cultura Surda.

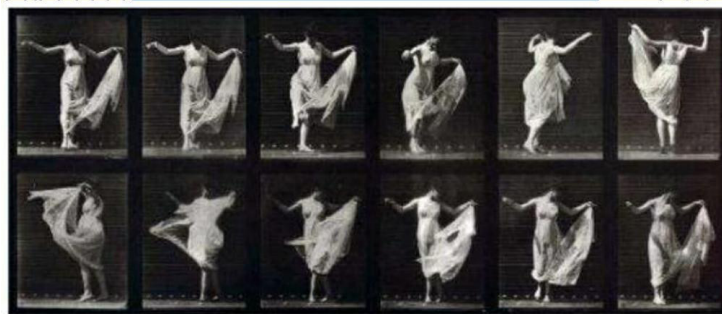
Cultura surda é o jeito de um sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável, ajustando-o com as duas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os

4. Surdo-Mudo, está definição não é usada.

Este termo, Cultura Surda, surge como “força discursiva nos mais diferentes lugares, e os discursos sobre ela se constituem por meio do saber dos sujeitos surdos, saberes esses produzidos pelos próprios surdos” (RAUGUST e PEREIRA, 2017, p.133).

Se pensarmos a origem do cinema, podemos relacioná-la com os aspectos viso-espaciais da língua surda. A questão da exploração do corpo, dos movimentos, a liberdade, os gestos e demais momentos de puro ser. “O elemento do cinema é o gesto e não a imagem” (AGAMBEN apud BUBNIAK e SANTOS, 2017, p. 24), ele se refere ao fato de os primeiros filmes estarem muito próximo do gesto, trabalhando com a ideia do gesto cinematográfico.

Um exemplo seria o filme dos irmãos Lumière, *A Saída dos Trabalhadores da Fábrica*, bem como os experimentos de Eadweard Muybridge, que não tinham preocupações de contar e estabelecer alguma narrativa.



Retirado de <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1532>

Outro aspecto da trajetória do cinema e da comunidade surda, e talvez a de maior relevância, devido a seu caráter intrínseco e concomitante, seria o Cinema Mudo. Este era um período em que os sujeitos surdos se sentiam mais integrados ao público dos filmes, devido à ausência de diálogo e a presença de títulos com as possíveis falas, ou até mesmo sem isso. A valorização dos planos próximos, que priorizavam as expressões dos atores, contando com os gestos, com as mímicas, com a desenvoltura e performance dos corpos para transmitir e contar as histórias, eram fatores que aproximaram o público surdo, que muitas vezes atuavam nas produções, sendo ótimos atores.

Também, em especial as ações do principal expoente do Cinema Mudo, Charlie Chaplin, contribuíram para tornar esse momento rico em experiências culturais integradoras. Ele tinha um amigo chamado Granville Redmond, que atuou em vários de seus filmes, e o qual ensinou a ele alguns sinais, que foram usados pelo próprio Chaplin nos filmes (BUBNIAK, 2016). Segue-se frames em que Charlie Chaplin sinaliza no filme *Vida de Cachorro*, os sinais significavam ‘criança’ e ‘bebê’.



Retirado de <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3210>

LINGUAGEM E LÍNGUA

Um dos grandes nomes da linguística é Ferdinand de Saussure, e sua concepção de língua está muito vinculada a questão do signo como a junção do conceito (significado) com a imagem acústica (significante), ou seja, a fala é elemento primordial no processo de significação. Derrida é um autor que surge no processo de questionamento dessa visão Saussuriana e encaixa-se perfeitamente nos estudos surdos ao fazer uma denúncia do que chamou de *fonocêntrismo*⁵. “Thus Derrida (1974) notes the phonocentric move in Saussurian linguistics when he substitutes the term *sound-image* for *linguistic signifier*” (DIRKSEN e BAUMAN, 2004, p.243).

Derrida critica o momento fonocêntrico que “[...] the Western tradition when speech consolidated its power over alternative forms of language” (DIRKSEN e BAUMAN, 2004, p.243). Não discutindo diretamente sobre a língua de sinais, acabou contribuindo por questionar e deslocar o valor linguístico da fala, para um nível maior de significação. Ele desconstrói a supremacia naturalizada da fala e da escrita fonética, o que acabou implicando nos estudos que se estabeleciam sobre o *audismo*⁶.

O audismo e o fonocêntrismo exemplificam o que foi tratado anteriormente, referente a oralização do sujeito surdo, “[...] deaf people have been physically and pedagogically coerced into adopting hearing norms, whether they wanted to or not” (DIRKSEN e BAUMAN, 2004, p.241). Puxando para teorias próprias do cinema, podemos citar M. Chion, que discute sobre questões referentes ao som. Uma de suas teorias é a questão do vococêntrismo, em outras palavras, a voz humana em uma hierarquia de sons é considerada a de maior nível (ALLEN, 2011), ou seja, a prioridade da voz (diálogo) sobre todos os outros sons de um filme. Com isso, reconhecemos a língua de sinais enquanto “objetivação da realidade material do signo, funcionando como elemento agregador das comunidades surdas que se caracterizam por compartilhar, além da língua, valores culturais, *habitus* e modos de socialização próprios” (FERNANDES, 1998, p. 58).

Paralelos entre cinema e a linguagem podem ser estabelecidos, Machado (2009) em seus escritos já dizia que “a imagem comunica, exprime, vale tanto quanto a linguagem” (p.33). O cinema desde suas origens trabalha com essa

5. Fonocêntrismo, prioridade da voz e da fala, da voz presente a si, preconceito da metafísica ocidental.

6. Audismo, “the discrimination against individuals based on hearing ability” (DIRKSEN; BAUMAN, L, 2004).

imagem enquanto forma de linguagem para constituir o que chamamos de linguagem cinematográfica, utilizando de seus artifícios e de suas potencialidades discursivas. Levando em consideração todos os aspectos da linguagem cinematográfica, seus planos, enquadramentos, *takes*, aspectos subjetivos, artísticos e técnicos. O cinema é conhecido como uma arte do artifício, principalmente por suas origens. A principal forma de difusão dos filmes antes dos chamados *nickelodeons*⁷, era o vaudeville, “[...] espetáculo burlesco, o circo e as exposições itinerantes, em que a performance e a forma narrativa final eram construídas pelo *showman*-exibidor”. (COSTA, F., 2013, p.29). Vê-se a relação entre aspectos fantásticos e o artifício.

Mas a linguagem também recebe por sua vez a consideração de artifício, pois é entendida como ‘um sistema de signos que não tem relações materiais com aquilo que representa’. Pode-se assim deduzir que toda forma de cultura, tanto a escrita quanto a visual, é culturalmente considerada artifício [pelo menos no que se refere à cultura ocidental] (LINARES, 2013, p. 74).

Essa questão de linguagem e língua é de extrema importância, e por isso recebeu aqui um espaço para seu debate, pensando que é “através da aquisição dessa língua que o surdo pode partilhar experiências, transmitir emoções, desenvolver conhecimentos e compartilhar informações na comunidade surda, constituindo, assim, a sua cultura” (RAUGUST e PEREIRA, 2017, p.130).

O cinema sendo compreendido enquanto bem cultural, permite com que se possa refletir sobre a condição humana, sobre os processos e representações sociais. Anjos (2017), disserta sobre ideais que se articulam com essa linha de pensamento, ao propor que “essa proximidade proporcionada pela obra cinematográfica permite contato entre culturas, empatia entre sujeitos, além de estar envolta por construção e reconstrução de significados” (p.26). Esta afirmação alinha a ideia de estudos culturais que será trabalhada mais adiante na perspectiva da visibilidade do sujeito surdo, já que “é na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, p.38).

CINEMA SURDO

Deste modo, chegamos no momento em que se estabelece um forte diálogo entre o cinema e a comunidade surda, ressaltando novamente o cinema enquanto artefato cultural e arte repleta de intencionalidade.

São vários os discursos que se estabelecem nas obras cinematográficas, compreendendo discurso enquanto um conjunto de enunciados construídos através da linguagem. Esses enunciados refletem condições específicas e finalidades específicas.

[...] ora os filmes falam dos sujeitos surdos como incapazes, incorrigíveis, anormais, ignorantes, primitivos, ora nos falam de surdos que, apesar da surdez,

7. Nickelodeons, primeiro tipo de espaço para exibição de projeções de imagens em movimento, cobravam apenas cinco centavos.

são recompensados por outros sentidos que os tornam capazes, corrigíveis, normalizáveis, inteligentes, civilizados (THOMA, 2002, p. 242).

A visão trazida para o debate por Thoma é interessantíssima, pois exemplifica a dicotomia existente sobre o sujeito surdo, desde visões preconceituosas até visões civilizatórias e salvacionistas. É curioso refletir sobre as representações criadas do surdo e da própria surdez, Lopes e Veiga-Neto (2006) exemplificam essa relação que se estabelece entre ouvintes e surdos, “na relação com o ouvinte, o surdo foi ensinado a olhar-se, a narrar-se como um deficiente auditivo” (p.85). O Cinema Surdo pode auxiliar neste processo, com narrativas que abordam temáticas e histórias surdas, ou filmes que possuam surdos na equipe técnica ou que seja encenado por surdos, isto contribui para se formular com melhor consistência um pensamento da alteridade surda, e na análise crítica dessas representações.

Afinal, “o cinema produz conhecimento, fixa identidades e instaura sentidos sobre os sujeitos surdos” (THOMA, 2002, p. 243). Quais são essas identidades? As mais variadas possíveis, bem como suas representações. Desrespeitando a cronologia, discutiremos sobre um filme de grande destaque para o Cinema Surdo. *The Tribe* (2014) é um filme ucraniano, do diretor Myroslav Slaboshpytskiy, ele é totalmente em língua de sinais ucraniana e conta com atores surdos em sua totalidade. Venceu diversos festivais, levando vários prêmios e trazendo para o debate a visibilidade surda. Analisando a questão da representação surda, o diretor Slaboshpytskiy se desvincula da imagem do surdo enquanto vítima, fugindo da idealização e criando personagens complexos e redondos.



Retirado de <http://www.bbfc.co.uk/releases/tribe-film>

A proposta do filme surge da própria experiência de Myroslav Slaboshpytskiy, que enquanto jovem estudava em uma escola ao lado de um internato para surdos, tendo uma convivência diária com surdos e como ele mesmo diz, de jogos de futebol há brigas de rua. O filme acaba empoderando a comunidade surda e não a explorando. Várias temáticas sobre o cotidiano e vivências dos sujeitos surdos

preenchem as telas, os elementos culturais organizam os espaços e ambientes da narrativa cinematográfica. Um exemplo pontual são as cenas de sala de aula, em que as carteiras são posicionadas em formato de semicírculo, para que todos os alunos possam visualizar uns aos outros e acompanhar a aula sem perdas, isso se deve as experiências visuais (CRUZ, 2018). Na mesma sala de aula, se tem uma campainha de luz que pisca ao final das aulas, pode-se perceber a partir da observação de um frame retirado do filme:



Retirado de <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0929-2.pdf>

Para traçar um paralelo com essa obra apresentada, citaremos o filme *Children of a Lesser God* (1986). O filme obteve uma grande repercussão e trouxe visibilidade para a língua de sinais, fazendo com que a procura por cursos aumentasse significativamente. A atriz Marlee Matlin, que fez um dos papéis principais do filme, é a única atriz surda a ter recebido um prêmio.



Retirado de <https://www.imdb.com/title/tt0090830/>

Porém, o filme recebe algumas críticas, já que o personagem principal John Leeds precisa falar a todo o momento o que a jovem Sarah está pensando ou agindo. O que caracteriza o pensamento de Derrida sobre o falava sobre o fonocêntrismo, é necessário que Leeds oralize os desejos de Sarah para que eles tenham significados reais, é o que chamamos de ouvir-se-falar. O preconceito circunda a comunidade surda e as imagens construídas sobre eles transparecem nos filmes, mesmo se tratando do

cinema surdo, por isso é fundamental um posicionamento crítico diante destas obras. Thoma (2002), dedicou estudos sobre essas flutuações em torno da pessoa surda, e as diferentes formas e maneiras com as quais são representados por meio das lentes do cinema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ESTUDOS CULTURAIS E CONTEXTOS ESCOLARES

Iniciamos esses momentos de análise considerando que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem (BAKHTIN, 2000). Tal questão marca uma forte ligação entre as artes, as culturas, os sujeitos e os discursos. A própria questão do discurso já nos remete a práticas sociais que implicam relações de poder. Os discursos estão correlacionados com os Estudos Culturais, já que a cultura é constituída de um emaranhado discursivo.

Para falar sobre Estudos Culturais, partimos do entendimento de cultura como “[...] partly defined as a circuit of power, ideologies, and values in which diverse imagens and sounds are produced and circulated, identities are constructed, [...] in both individualized and social forms, and discourses are created, [...]” (GIROUX, 2004, p.59-60). Compreendendo que os filmes fazem mais do que apenas entreter, “it offers up subject positions, mobilizes discourses, influences us unconsciously, and helps to construct the landscape of american culture” (GIROUX, 2001, p. 585). O sujeito surdo nesse contexto é entendido enquanto produtor de discurso, potencializado pelo Cinema Surdo, que oportuniza diversas formas narrativas e diálogos.

Essas oportunidades são entendidas enquanto possibilidades educacionais e pedagógicas, já que muito do que foi debatido se relaciona com o chão da escola. Repleto de relações de poder, materiais e simbólicas, os filmes produzem e incorporam ideologias e representações intencionais, “put simply, films both entertain and educate” (GIROUX, 2001, p. 585). Sendo assim, os estudos culturais possibilitam a visibilidade para os estudos surdos e servem como base de reflexão para pensar o cinema surdo enquanto discurso e elemento educacional, representando uma grande força política, ideológica, cultural, linguística e artística.

Junto a isso, no que se refere ao cinema o ensino institucionalizado dos sujeitos surdos, que antes eram proibidos de sinalizar, agora podem desfrutar de um ambiente que busca ao máximo possibilitar boas experiências pedagógicas, bem como em contextos bilíngues, mas que ainda enfrentam dificuldades. As novas tecnologias auxiliam nesses processos educacionais, ofertando bases e recursos para proporcionar um processo de ensino-aprendizagem de melhor qualidade, enfatizando as potencialidades viso-espaciais. “Podemos perceber que as práticas de ensino da língua e da cultura surda, os planos de ensino ou as ementas, as legislações, são produtos de uma prática discursiva que as constitui enquanto as nomeia” (RAUGUST e PEREIRA, 2017, p.127). Logo, entende-se que é necessário manter-se em

movimento em um processo constante de elaboração crítica da vivência educacional do sujeito surdo, entendendo sua identidade, sua comunidade, suas especificidades e potencialidades.

Para isso, acredita-se que os filmes possam auxiliar na formação de estudantes, para que os mesmos sejam aptos a realizar análises críticas e leituras sociais. Os filmes constituem uma poderosa força, justamente por seu caráter intencional e ideológico, capaz de nas palavras de Giroux “[...] shaping public memory, hope, popular consciousness, and social agency and as such invites people into a broader public conversation” (GIROUX, H. 2001, p. 595). Com isso, o Cinema Surdo pode ser um meio de contribuir para o estabelecimento de uma alteridade surda divergente dos preconceitos oralizantes instituídos em diversos contextos sociais. Assim como foi trabalhado no início do texto, esperamos que com essa formação crítica social, não se retorne ao pensamento de um sujeito surdo-mudo (terminologia errônea) ou de que deveríamos toca-lo como tocamos um realejo, mas que continuemos progredindo no caminho de construção de uma educação bilíngue que busque a emancipação e autonomia.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Sara. **O verbo-centrismo no cinema**, 2011. Disponível em <http://ml.virose.pt/blogs/si_11/?p=130>. Acesso em 12/01/2018, às 09h53

ANJOS, Raphael Pereira dos. **Cinema para libras: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. Brasília, UNB, 2017.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL, Lei nº 12.319, 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 1 set. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 23 de dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRAIN, Robert. **Inscribing Science: scientific texts and the materiality of communication**. Timothy Leinor (org.) – Stanford University Press, Stanford, California, 1998. Disponível em: <https://monoskop.org/images/5/5f/Lenoir_Timothy_ed_Inscribing_Science_Scientific_Texts_and_the_Materiality_of_Communication.pdf> acesso em: 14/10/2018 às 22:35.

BUBNIAK, Fabiana Paula. **Cinema Surdo: por uma poética pós-fonocêntrica**. Unisul, 2016. Disponível em: <<https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3210>> acesso em 14/10/2018 às 22:47.

BUBNIAK, Fabiana Paula. e SANTOS, Saionara Figueiredo. **O cinema pós-fonocêntrico e a sobrevivência do gesto**. Revista: *Artefactum*, n.2. 2017. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1532>> acesso em 14/10/2018 às 22:45.

Children of a Lesser God. Direção: Randa Haines. Paramount Pictures. United States, 1986. 119 min

COSTA, Flávia Cesarino. **História do cinema mundial**. Fernando Mascarello (org.) – 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio/jun/jul/ago, p.36-61, 2003.

CRUZ, Tatiane Monteiro da. **Cinema e representação do surdo: um estudo do filme a gangue (2014)**. Intercom: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, 2018. Disponível em:< <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0929-2.pdf>> acesso em 20/01/2019 às 12:00.

DIRKSEN, H. e BAUMAN, L. **Audism: exploring the metaphysics of oppression**. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, vol.9, n.2, p. 239-246. Oxford University Press 2004.

FERNANDES, S. de F. **Surdez e Linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** UFPR, 1998. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24321/D%20-%20FERN...?sequence=1>>. acesso em 20/01/2019 às 13:03.

GIROUX, Henry A. **Breaking into the movies: pedagogy and the politics of filme**, 2011.

GIROUX, Henry A. **Cultural Studies Public Pedagogy, and the Responsibility of Intellectuals**. Magazine: *Communications and critical/Cultural Studies*, vol.1, n.1, p.59-79. March 2004.

FERNANDES, Sueli de Fátima. **Surdez e Linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?** UFPR, 1998.

LINARES, Claudia Rodríguez-Ponga. **A imagem colonizada**. Revista: *ARS*, n.25, p.73-87. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v13n25/1678-5320-ars-13-25-00072.pdf>> acesso em 14/10/2018 às 22:38.

LOPES, Maura Corcini e VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar**. Revista: *Perspectiva*, v. 24, n. especial, p. 81-100, jul./dez., 2006. Disponível em: < <http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Lopes-Veiga-neto.pdf>> acesso em 17/01/2019 às 19:27.

MACHADO, Ludmila Ayres. **Design e narrativa visual na linguagem cinematográfica**. USP, 2009. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-26032010-142901/pt-br.php>> acesso em 20/01/2019 às 11:54.

MELEGARI, Joana Bonato. **Análise curricular da disciplina de libras como L2 no ensino superior**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná, 2018.

RAUGUST, Mayara B. e PEREIRA, Karina Ávila. **O cinema como dispositivo para tematizar aspectos relativos à língua de sinais e à cultura surda**. Revista: *Linguagem & Ensino*, vol. 20, n.2, p. 121-147. Pelotas, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/82120820-O-cinema-como-dispositivo-para-tematizar-aspectos-relativos-a-lingua-de-sinais-e-a-cultura-surda.html>> acesso em 14/10/2018 às 22:21.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **Filmes sobre surdos**: que representações de surdos e de língua de sinais eles trazem? Práxis Educativa, 2009.

The Tribe. Direção: Miroslav Slaboshpitsky. Ukrainian State Film Agency. Kiev, 2014. 132 min
THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas – “Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”**, 2002.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289